

7 JUL 1996

DESTAQUE

FHC

JOSÉ CASADO

Há muitos FH, todos em campanha

Há sinais de recuperação da economia. As últimas medições feitas na boca das linhas de produção das indústrias (IBGE, FGV, Fiesp e Seade) sugerem a existência de algo mais do que a habitual reposição de estoques de mercadorias nas prateleiras das casas de comércio.

É o reflexo de uma mudança no comportamento das pessoas e das empresas. Percebe-se uma gradual generalização de expectativas sobre o aumento da produção e do consumo neste segundo semestre.

O cenário, visto da poltrona presidencial, não poderia ser melhor. Nada pode ser mais agradável para um presidente — a não ser a reeleição e o novo banquete de posse.

Por isso, os brasileiros passaram as duas últimas semanas vendo, ouvindo e lendo Fernando Henrique, do "bom dia" ao "até amanhã". Ele aparece em múltiplas versões, sempre com a voracidade de quem considera o dicionário apenas um preâmbulo.

Às vezes, é o presidente comemorando dois anos de inflação caindo de 40% para 1% ao mês. Dali a um minuto surge como xamã do PSDB pedindo votos para seus candidatos nas eleições municipais.

Entre as várias personagens televisivas, permitiu-se uma em que falava, olhava, sorria e se vestia como candidato: a imagem começava fechada nos seus dedos dobrando a manga de uma camisa azul-celestial, avançava pelo braço terminando em close para o sorriso confiante, recheado de promessas para um novo futuro.

Não seria justo atribuir-lhe culpa pelo tom meio extemporâneo do anúncio. Culpada é a Constituição. Ela é quem insiste em repetir que faltam 26 meses, ou 790 dias ou ainda 18.960 horas, para a próxima eleição presidencial.

A disputa eleitoral à frente é municipal, mas só para alguns. Trata-se de uma preliminar fundamental para a seguinte, a de 1998, tanto para os adversários do governo quanto para Fernando Henrique. Todo governo só pensa em ganhar eleição. O problema é que, nas temporadas de baixo crescimento da economia, raros são os casos de governantes que conseguem sair inteiros das urnas.

Daí por que as evidências de recuperação das atividades econômicas têm mais que ver com o período eleitoral que está começando do que com uma segunda etapa do Plano Real emulada pela logosofia do ministro Pedro Malan, da Fazenda.

A "descoberta" da agricultura e das exportações como instrumentos de política econômica, duas semanas atrás, é reveladora de quanto o governo passou a desejar o aumento das atividades econômicas. Até as eleições, pelo menos.

Tal impulso deverá ter alguns efeitos colaterais. Trará algum alívio ao caixa governamental, raso depois da enchente outonal de bilhões de reais (por causa do Imposto de Renda das empresas). Mas não deverá ser suficiente. Tanto que o Planalto fez as contas e tungou o bolso do beneficiários da Previdência Social. Com a finesse tucana, impôs um reajuste abaixo da taxa de inflação.

A duração e a consistência do crescimento econômico dependerá das manobras do governo nas suas finanças. Sobre elas, pairam mistérios. Como por exemplo, o custo do socorro à banca doméstica, que pode chegar a 4% do Produto Interno Bruto nos próximos 24 meses, ou seja na antevéspera da eleição presidencial.

Tecnicamente, o governo atravessará a eleição municipal de caixa apertado, apesar da arrecadação crescente. Mesmo assim já decidiu apostar alto. Desde março, está jogando cerca de US\$ 1,5 bilhão em cidades eleitoralmente estratégicas para o PSDB, via Banco do Brasil, BNDES, Caixa, sob rubricas orçamentárias como Proemprego, Proger, Infra e Habitar. De Belém a Porto Alegre, o dinheiro de obras federais está fluindo por mãos tucanas, as mesmas que se estendem por aí pedindo votos.

A reação dos aliados do PSDB no condomínio que elegeu Fernando Henrique já é visível no Senado. Ali, o governo sempre venceu com mais de 20 votos de diferença. Na semana passada, mandou-se à votação um simples acordo internacional. E o placar fechou com apenas um voto decisivo, a favor do Planalto.

Pela disposição eleitoral do presidente, novos conflitos importantes com o Congresso são previsíveis. Depois de outubro é até provável que as reformas constitucionais voltem a servir de pretexto. E, a menos que haja um desastre eleitoral, FH terá o vento a favor da expansão da economia. Seu alvo é e continuará sendo o Congresso, que vem usando para expiar culpas do governo. Ali se decidirá a permissão para a reeleição.



■ José Casado é jornalista

Passamos duas semanas vendo, ouvindo e lendo Fernando Henrique, do "bom dia" ao "até amanhã"

■ Ricardo Amaral, que habitualmente escreve neste espaço aos domingos, está em férias